

**34º REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**  
**23 A 26 DE JULHO DE 2024,**  
**BELO HORIZONTE**

**GT 068: LIDERANÇAS: ESTILOS, MODOS, FORMAS, PROBLEMAS E**  
**EXEMPLOS ENTRE CAMPONESES, QUILOMBOLAS E POVOS**  
**TRADICIONAIS**

**TÍTULO DO TRABALHO:**

**“É TEMPO DAS MULHERES”: ASSOCIAÇÃO E EXEMPLO NA**  
**CONSTRUÇÃO E EFETIVAÇÃO DA CATEGORIA FEMININA NA**  
**VAQUEJADA PÉ DE MOURÃO CEARENSE**

**LAENIA NASCIMENTO DA SILVA**  
**PPGAS/Museu Nacional/UFRJ**

# “É TEMPO DAS MULHERES”: ASSOCIAÇÃO E EXEMPLO NA CONSTRUÇÃO E EFETIVAÇÃO DA CATEGORIA FEMININA NA VAQUEJADA PÉ DE MOURÃO CEARENSE<sup>1</sup>

Laenia Nascimento da Silva (Museu Nacional/UFRJ)

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Exemplo; Vaquejada.

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria (...)*

(Milton Nascimento, *Maria, Maria*)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho segue o plano de analisar o protagonismo de mulheres enquanto sujeitos exemplares no âmbito da vaquejada pé de mourão cearense, sobretudo a partir de um coletivo denominado Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA). Para tanto, utilizo-me da pesquisa de campo que venho desenvolvendo desde 2017<sup>2</sup> na região norte do estado do Ceará, mais especificamente aos dados obtidos durante o mestrado.

Inspirada em etnografias como as das autoras Maya Mayblin (2010), Lotte Buch Segal (2015), Mariléa Almeida (2022), Vilênia Venâncio Aguiar (2015) e Saidiya Hartman (2022), que trazem como foco de suas análises as histórias de vida de mulheres e/em seu agenciamento em espaços públicos, apresento também uma narrativa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

<sup>2</sup> O material de campo discutido no presente trabalho é fruto de uma pesquisa exploratória iniciada no curso de graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), situada na cidade de Sobral - CE. A pesquisa tinha como objetivo compreender como se dava o processo de aprendizagem do ofício do vaqueiro da lida e do vaqueiro da vaquejada, analisando ainda a posição assumida pelas mulheres. No mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), busquei analisar a presença das mulheres nas vaquejadas pé de mourão cearenses a partir da existência de um coletivo denominado Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA) e da luta constante de suas integrantes para fazer com que a categoria feminina fosse inserida nessas competições. A partir da problematização da invisibilidade das mulheres, o seu apagamento em espaços públicos e privados, e a escassez de produções envolvendo mulheres na agropecuária sertaneja, procurei demonstrar como as vaqueiras aparecem a partir do razoável sucesso obtido por elas com a AFEVA e a categoria feminina, que apesar de mínimo, aciona a sua presença na cena pública, performática e ritual das vaquejadas.

historiográfica sobre um coletivo de mulheres que foram cruciais na criação da AFEVA, bem como foram as responsáveis pela instauração da categoria feminina no espaço das vaquejadas pé de mourão, conquistando com isso o papel de figuras centrais dentro desse movimento até os dias de hoje.

Desse modo, e sendo o ambiente das vaquejadas um espaço, ainda hoje, marcadamente masculinizado, a partir da definição de “território de afeto” de Mariléa Almeida como sendo um campo de ação política que se exprime pela manutenção, criação ou redefinição dos espaços potencializados, seja através de atitudes políticas e/ou de deslocamentos de sentidos, aponto para uma “exemplaridade” e “visibilidade” adquiridas pelo coletivo feminino, bem como para a sua construção de identidade enquanto sujeitos políticos, ativos e modelos de inspiração à outras mulheres.

## AS HISTÓRIAS QUE ME CONTARAM

Como afirma Mariléa Almeida (2022), escrever é fazer escolhas. E, ao longo das linhas que se seguem, discorro brevemente sobre a trajetória de três mulheres<sup>3</sup> que assumiram o ofício de vaqueiras em algum momento de suas vidas, sendo “exemplo” para outras personagens femininas no campo das vaquejadas, usando o corpo no cenário das disputas, e sua voz ativa na luta pelo seu reconhecimento.

Ao definir o termo “exemplo”, Robbins (2025) o define como sendo uma realização concreta de valores únicos em sua forma plena, podendo, por assim, ser relativo. Desse modo, e baseada nessa “realização concreta” apontada pelo autor, ressalto que Bruna, Alice, Olga não são as únicas vaqueiras existentes nesse meio - muito pelo contrário -, mas foram elas as idealizadoras na concretização do movimento feminino dentro da vaquejada pé de mourão.

Bruna tem 28 anos, é zootecnista e juíza de bem-estar animal. Para além disso, ela também foi a idealizadora da AFEVA, partindo dela a ideia de criar a associação, posta em prática no ano de 2016. A vaqueira começou a correr para valer desde o ano de criação do grupo, passando a disputar dentro da categoria feminina com outras mulheres. Desse

---

<sup>3</sup> Apesar de na dissertação escrever sobre sete mulheres (Geovana, Bruna, Alice, Olga, Laura, Helena e Clarisse) como pioneiras da AFEVA, as três vaqueiras nas quais faço referência no presente trabalho foram as idealizadoras do movimento, ou seja, partiu delas a ideia da criação do grupo. A partir desse primeiro momento, elas acionam sua rede de conhecimento sobre mulheres que se interessavam também pela vaquejada pé de mourão, tornando possível por em prática a construção da associação e promovendo a inserção das demais vaqueiras ao coletivo.

modo, ao tratar de sua trajetória é imprescindível não atrelar também ao início da associação (assim como o início de outras mulheres que compõem a pesquisa), que, assim como ela, não possuíam ou nunca possuíram oportunidades e acesso a esse meio.

Assim, tal qual o vínculo do “coro” impulsionador de mudanças definido por Hartman (2022), “ (...) onde um grupo sem liderança incita a transformação, onde a ajuda mútua fornece recursos para a ação coletiva, nem líder nem massa, onde as músicas intraduzíveis e aparentemente sem sentido cumprem a promessa da revolução.”(HARTMAN, 2022, p. 364), esse fator foi o ponto central para a construção do grupo, pois muitas vaqueiras, sobretudo as que iniciaram e puderam lutar pela construção da categoria feminina, se destacaram nas corridas a partir da porta de entrada aberta pelo coletivo.

Bruna narra que durante a infância e impelida por seu instinto de cuidado, sua mãe lhe impedia muito de frequentar as vaquejadas por ser menina, chegando ela a passar os dias antecedente à competição chorando todos os dias para que seu pai a levasse. Quando não ia acompanhada por ele, ela era confiada de ir na companhia de um amigo da família que gostava de frequentar as vaquejadas.

A segunda mulher a qual faço referência dentro desse protagonismo feminino é Alice. Alice tem 27 anos, exerce o cargo de advogada na prefeitura de sua cidade e recentemente se tornou mãe pela segunda vez. A vaqueira não só foi uma das idealizadoras da AFEVA, como também, desde o início, e principalmente devido sua influência familiar (sendo filha e esposa de dono de parque de vaquejada), foi uma das principais apoiadoras do movimento tendo sido a primeira organizadora a oferecer uma premiação fixa para a categoria feminina.

Alice começou a correr aos 19 anos, mas ressalta que “*para valer*”, iniciou somente aos 20. Segundo ela, os doze primeiros meses foram de bastante dificuldade, mesmo dispondo de determinados “privilégios” em relação a algumas competidoras, como por ter nascido e se criado em um parque de vaquejada. Sua principal dificuldade, segundo narra, era um cavalo com o qual conseguisse se adaptar.

Antes de se dedicar as competições e da criação da associação, a pessoa mais próxima de Alice era Bruna, com quem conversava, compartilhava e discutia a possibilidade de criar um grupo só de mulheres. A vaqueira, ao contrário de outras meninas, sempre teve apoio familiar, assim como familiares envolvidos no mundo da vaquejada, não sendo um problema para ela se inserir nesse meio, a não ser para sua mãe. Hoje, ela afirma entender esse receio materno após o nascimento de seus filhos.

Seguindo com a narrativa, apresento Olga. Aos seus 35 anos, atualmente ela trabalha na Secretaria de Assistência Social como chefe de vigilância sócio-assistencial e também é tosadora de animais de pequeno e grande porte. Na época da pesquisa, ela estava retornando para as pistas de corrida após ter se afastado por um tempo<sup>4</sup>, apesar de que continuava a acompanhar as edições para prestigiar suas colegas de grupo, sobretudo por ela ter sido uma das fundadoras da AFEVA.

A vaqueira participou ativamente de todos os passos e processos vivenciados pela categoria feminina, mesmo tendo parado por um determinado tempo, retornando só em 2021. Dando início a prática das corridas junto com Bruna somente para “*brincar e corriam no meio dos homens*”, ela ressalta que nunca chegava a disputar de verdade e ia somente pelo gosto. Ela fala que seu interesse pelas vaquejadas se deu no tempo em que frequentava as cavalgadas, começando a partir delas a se interessar pelas competições e pela emoção que elas promoviam, sendo nessas andanças onde ela conheceu Bruna e logo depois Alice.

Ela ainda evidencia que não havia portas abertas para elas e que, além disso, enquanto mulheres eram muito estigmatizadas e ouviam inúmeras vezes que ali não era “*um lugar apto para elas correrem*”. Assim como Bruna, Olga nunca possuiu incentivo familiar dentro das disputas e muito menos fora delas. E, por não possuir influência familiar e nem familiares envolvidos na vaquejada, sempre foi difícil para ela manter uma rotina de treinos, o que dificultava ainda mais sua inserção.

## **NO CAMPO DA CRIAÇÃO: “AVANTE, AFEVA!”**

Nos últimos anos o cenário das vaquejadas tem passado por algumas transformações, tornando possível acompanhar a inserção feminina nesse campo, mesmo que a passos lentos e com inúmeras diferenciações em comparação à categoria masculina. Assim como o movimento da Marcha das Margaridas descrito por Vilênia Aguiar, que muito embora tenha como intuito o combate às desigualdades de gênero e a justiça social como motivos pelos quais as mulheres continuam marchando, a categoria feminina de vaqueiras, assim como a Marcha, tem alcançado eficácia ao alçar visibilidade às mulheres

---

<sup>4</sup> Retornando ao campo em 2023 e conversando com Olga em um outro momento em que nos encontramos, tomei conhecimento de que ela havia se afastado mais uma vez das competições devido a questões pessoais que a levaram, inclusive, a venda do seu cavalo, bem como a silenciar suas companheiras nas redes sociais ao postarem fotos e atualizações nas vaquejadas. A razão dessa medida adotada por ela se deu por sentir bastante falta desses momentos e que, ao vê-los, sentia bastante tristeza.

nesse espaço público e de forte presença masculina, conquistando seu reconhecimento enquanto sujeitos políticos e de direitos, bem como também na sua ampliação de espaços (AGUIAR, 2015).

Ao realizar seu estudo com mulheres em uma comunidade quilombola no agreste pernambucano, em Liberdade, Marcela Centelhas chama atenção para o sentido que “fazer associação” representava para a comunidade e para os sujeitos que a integravam e a construíam:

(...) ao experienciar o curso da vida em Liberdade, compreendi que o ‘fazer (A) associação’, este processo que constrói tanto a entidade representativa demandada no desenho da intervenção estatal (a Associação de Moradores), como as relações que a tornam legítima e viável, envolvia muito mais atos e práticas do que a presença naqueles espaços que normalmente associamos à esfera pública (reuniões, atos públicos, marchas, conselhos, partidos políticos etc) (2019, p. 27).

Para a autora, bem mais que formalidades ou reafirmações burocráticas dessa instituição, o que faz essas relações e concretizam seus objetivos coletivos legítimos e viáveis são seus atos e práticas de efetivação de causa. Com isso, a AFEVA surge enquanto um coletivo de mulheres unido a partir de uma rede de afinidades e objetivos comuns, tornando possível a inclusão da categoria feminina nas competições. Tomadas por esse instinto de coletividade, é possível afirmar, a partir das falas de suas idealizadoras, que “(...) há ali cumplicidade, solidariedade, um compartilhar, uma mistura de orgulho, vontade, força e entusiasmo” (AGUIAR, 2015, p. 373), muito embora essa gama de sentimentos não anule a existência de conflitos internos, desavenças dentro da própria categoria, bem como rivalidades femininas.

Criada como uma forma de driblar os vários impedimentos que por vezes implicavam na não participação das vaqueiras nas disputas, além de evitar que as mulheres se submetessem à situação de ter que disputar dentro da categoria masculina, ou até mesmo na mirim, juntamente às crianças, foi criada a Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA)<sup>5</sup>. Desse modo, o objetivo principal do grupo foi tornar possível e menos burocrática a inserção feminina nas disputas ocorridas em várias cidades na região norte do estado, bem como a garantia de espaço e premiações justas. No trecho abaixo, Bruna narra como se iniciou a ideia de criação do grupo:

---

<sup>5</sup> A questão das mulheres se colocou como um dos meus achados em campo, a somar ainda, e principalmente, a questão de não atuarem somente dentro do ambiente doméstico, mas também para além dele. Desse modo, as mulheres passam a assumir também o papel de vaqueiras, e a se organizarem a partir da Associação Feminina de Vaqueiras da Vaquejada Pé de Mourão (AFEVA), tendo sido ela tema da minha dissertação de mestrado.

E eu sei que a gente foi dizendo: “Ah, e se tivesse no pé de mourão?”, “E se a gente fizesse no pé de mourão?”. Isso em 2014... entre 2013 e 2014, por aí. Mas só falava. A AFEVA foi posta em prática mesmo em fevereiro de 2016, no dia 23 de fevereiro de 2016 foi a primeira apresentação da AFEVA, que aconteceu na cidade de Varjota, no Parque Leonardo Ribeiro. (...) Em janeiro de 2016 eu convidei a Alice para fazer a associação: “Vamos escolher um nome”, “AFEVA: Associação Feminina de Vaqueiras”. Aí a Alice: “Mulher, eu ando muito ocupada. Eu estou estudando em Fortaleza, não vai dar! Mas, tudo que você fizer, eu apoio! Inclusive, eu falo com o pai, qualquer coisa”. E assim foi. “Olga, bora mais eu”, e ela “Vou”. A Olga, toda feminista empoderada, cientista social dos pés à cabeça, ela “Vamos, bora colocar a cara no sol!”. E aí, fomos! “Avante, AFEVA”! Esse era dizer dela, o grito de guerra, né?

Fundante de subjetividades, a associação de vaqueiras aciona vários elementos que se juntaram para a formação de um conjunto que, em sua expressão, cria uma identificação, uma linguagem que evoca sensações, anseios e desejos – sentimentos, emoções compartilhadas entre elas, mas que, juntamente a isso, exprime uma intencionalidade política (AGUIAR, 2015) e coletiva.

Além disso, tendo sido a primeira associação criada e a pioneira na categoria feminina cearense da vaquejada pé de mourão, ela hoje é conhecida como sendo uma associação “mãe” por ter sido o primeiro coletivo de mulheres dessa modalidade esportiva. E muito embora a exemplaridade, por vezes, surja como uma “ficção reguladora” e que implica, sobretudo, um comportamento feminino idealizado (SANOK, 2007) e passível de julgamentos, a AFEVA segue dentro das vaquejadas e na categoria feminina como sendo uma referência para os grupos que recentemente vêm surgindo. Esse reconhecimento se estende ainda para suas integrantes, principalmente as veteranas que iniciaram a associação enquanto mulheres e até mesmo uma “feminilidade exemplar” (conforme mostrarei no tópico seguinte) enunciadas e percebidas coletivamente (SEGAL, 2015), promovendo “modelos” aptos a serem seguidos e justos de inspiração e reprodução à outras mulheres.

No entanto, e mesmo se tratando de um movimento com oito anos de existência, apesar do relativo sucesso obtido com o grupo, essa inserção se deu (e se dá, ainda hoje) de forma gradual e por etapas - e dentre essas, continha-se muitas concessões da parte das mulheres que a longo prazo surtiriam efeitos. Isso fazia com que elas, ao negociarem com os organizadores, aceitassem disputar somente pelo espaço e bois concedidos, ficando a seus encargos providenciar a própria premiação. Fator esse que ocasiona, na atualidade,

a pouca valorização e investimentos na premiação da categoria feminina, adotando os bolões<sup>6</sup> como mais rentáveis para quem promove a disputa.

Apesar de soar um tanto contraditório e por chamar a discussão de “valor” ao centro do debate, na realidade e circunstâncias em que estão inseridas as mulheres vaqueiras, o reconhecimento a partir de uma figura masculina, seja por relação consanguínea ou matrimonial, significa para muitas delas, antes de tudo, a oportunidade de adentrar às competições. Dentro dessa dimensão, “(...) são os encontros com valores fundamentais incorporados por pessoas e instituições exemplares que emprestam as nossas vidas um senso de propósito moral e de investimento no futuro, a qualidade progressista de andar em direção ao bem (...)” (ROBBINS, 2015, p. 194), fazendo dessa uma “exigência” não obrigatória, mas fundamental, pois possuindo “família” dentro desses espaços ou mesmo conhecidos “aparentados”, a sua aceitação e até mesmo o respeito se veem viabilizados.

Quando não se possui uma rede familiar ou um “nome” (sobrenome de respeito e/ou (re)conhecido dentro da vaquejada), esse caminho se tornar um pouco mais árido, ficando a cargo da associação, enquanto coletivo, assumir esse papel de “apoio” e “parentalidade”, demonstrando que família e gênero são construídos, e que envolvem performatividade e pessoas compósitas, cuja natureza é relacional.

## **SENDO E PRODUZINDO EXEMPLO**

Para além de se ter ou não família, em ambos os casos, a honra feminina (ou a extensão de honra masculina estendida às mulheres de sua família) ainda segue referida a um tipo “ideal”. Ao tratar da exemplaridade da vida das santas e o estereótipo acionado sob o corpo da Virgem Maria como modelo a ser imitado, tanto como mulher e como mãe, Sanok (2007) aponta para a normatividade das estratégias representacionais sob a vida das divindades, como também para o seu efeito psicológico.

Essa “idealização” também aparece em Segal (2015) ao refletir sobre o “fardo de ser exemplar”, estando as mulheres a todo momento no centro dos rumores, suscetíveis a serem coagidas e estando regularmente a prova e vigilância, que, no caso das vaqueiras,

---

<sup>6</sup> Os bolões de vaquejada tratam-se do somatório do valor de todas as senhas vendidas em disputa. Com isso, a premiação consiste em: metade do valor para o organizador do evento e a outra metade destinada a premiação. No entanto, por ser muito relativo e depender unicamente do número de participantes para correr na categoria, os bolões nem sempre são vantajosos para quem compete, pois já houveram situações de o valor que se pagava na senha ser mais alto que o valor da premiação.

repousa no fato de “se” elas realmente estão ocupando aquele espaço, majoritariamente masculino, para participar das competições. Isso evidencia um ponto pertinente e válido para essa análise: a sexualização dos corpos femininos, haja vista que no ambiente das disputas isso fora uma problemática, desde o início, em sua inserção.

Tal problemática se fazia presente não somente entre os homens que agiam com segundas intenções, mas em sua grande maioria, por outras mulheres, sobretudo esposas de donos de parque e vaqueiros. Em razão disso, alguns proprietários chegavam a não aceitar a categoria feminina nas competições, devido a situação que se instaurava com suas companheiras. Xingamentos pejorativos como “putas”, “vagabundas”, “raparigas”, ou mesmo de que não estavam ali para correr e sim com outras interações, como roubar marido de outras pessoas, eram proferidos a gritos quando a categoria feminina entrava em pista durante as disputas, e estiveram presentes durante muito tempo na cena feminina.

Desse modo, considerando o cenário crítico inicial ao qual se depararam nas competições (não que ele tenha mudado muito atualmente), para além de se dedicarem as disputas e construírem seu prestígio tal qual os vaqueiros, as vaqueiras necessitam ainda, se atentar para a postura que assumem em campo; no cuidado com sua vestimenta para que não exponha seus corpos; como também na cautela de com quem se anda, considerando ainda a existência de uma separação que ocorre entre mulheres solteiras e casadas.

Além disso, ao falarmos de julgamentos morais, soma-se a isso a questão “feminina-materna”, tendo as mulheres que lidar com julgamentos de valor que surgem diante da realização do “cuidado”. A chegada da maternidade, evidenciada não só por Alice, mas também por outras duas interlocutoras da pesquisa, Geovana e Helena, traz consigo juízos atribuídos ao que se “entende” por ser ou não uma boa mãe. Olhares tortuosos por levar os filhos pequenos consigo e passar de 2 a 3 dias nas vaquejadas, deixar o filho em casa aos cuidados de terceiros para “ir correr”, ou mesmo as críticas por permitir que os filhos (as) também ingressem nas disputas e corram o risco de cair, são discursos ouvidos pelas mulheres, e que em consequência, podem afetar a possibilidade de participação delas nesses ambientes públicos.

Mas, apesar dos julgamentos, e com exceção de Alice que fora mãe recentemente, Geovana e Helena<sup>7</sup>, além de serem exemplo para outras mulheres, também se acionam como modelo para seus próprios filhos, que participam das competições e disputam pela

---

<sup>7</sup> Geovana possui uma filha e Helena possui dois filhos, uma menina e um menino.

categoria. Essa “potência feminina”, apontada por Mariléa ao refletir sobre a prática da umbanda exercida por mulheres em São João da Serra, indica que a transmissão extrapola a literalidade da prática, pois implica em um modo de viver em que saberes e formas de transmissão exprimem um cuidado de si e do outro (ALMEIDA, 2022). Esse cuidado é acionado pelas mulheres em diversos momentos, seja quando promovem o bem-estar dos filhos durante as competições ao cuidar da alimentação, do zelo ao corpo, da dormida, ou mesmo quando Helena afirma que ensinou seus filhos a reconhecerem o momento exato para cair, ao perceberem que não conseguirão derrubar o boi, evitando com isso se machucarem.

As marcas corporais provocadas pelas quedas e acidentes femininos, classificam-se ainda como um marcador de gênero importante. Se no caso masculino as cicatrizes em seus corpos são uma prova da sua coragem e o “saber cair” é visto como algo admirável, em se tratando do caso feminino, as marcas em seus corpos não são bem recebidas enquanto sinônimo de descuido, além de que, não cair é posto como uma característica e valorizada e almejada pelas competidoras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Início as considerações finais (e não conclusões, visto que a pesquisa ainda segue em andamento) com o adendo de que, ao trazer a palavra “construção” para o título do texto, meu intuito é apontar que o movimento, apesar de consolidado na cena das vaquejadas e mesmo promovendo transformações importantes, ainda segue em curso para sua efetivação.

Um exemplo dessa transformação, conforme se constatou, pode ser lido a partir das disputas de vaquejada que têm passado por uma (re)habitação ao contar, apesar dos desafios a cerca dessa inclusão, com a participação das mulheres não somente como espectadoras ou acompanhantes dos maridos, mas agora também como vaqueiras. A associação, “Como evento político, ela apresenta um projeto de desenvolvimento, que é antes um projeto de transformação social (...) Por outro lado, ao ser vivenciada como experiência coletiva, ela opera transformações em relação as percepções subjetivas” (AGUIAR, 2015, p. 419)

Além disso, o pertencimento familiar que transmite valores e reputações evidencia a dimensão pública da família, mostrando não somente ligações familiares, mas reputações coletivas e individuais. Essas extensões, dentro de algumas trajetórias, se

ampliam a essas mulheres fazendo delas também detentoras dessas caracterizações de prestígio social, algo que pode ir no sentido da expansão de uma honra masculina. É a partir de diferentes histórias de vida, mobilização e, sobretudo, a desarticulação do ambiente das vaquejadas, esse espaço que ainda hoje se revela como marcadamente masculino, que essas mulheres enquanto figuras centrais constroem histórias, alianças, afinidade e associações, tanto para “fora” como para “dentro”, seja a partir de apoios mútuos, de conversas, conselhos e da comida (CENTELHAS, 2019).

Esse protagonismo feminino, transvertido pelo razoável sucesso adquirido por essas mulheres, e a visibilização conquistada, contudo, se dá não sempre dentro de parâmetros coincidentes ao de movimentos feministas, mas a partir de um agenciamento feminino como maneira de viver uma “tradição” centrada na masculinidade, causando rupturas, efeitos e transformações importantes ao longo dessa inserção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vilênia Venâncio. **Somos todas Margaridas**: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH/Unicamp, 2025.

ALMEIDA, Marilea. **Devir quilomba**. Antirracismo, afeto e políticas nas práticas das mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante, 2022 (capítulos a indicar)

CENTELHAS, Marcela. Refazer a casa de mãe: as associações de mulheres e as políticas de Liberdade. Em Comerford, J.; Carneiro, A; Ayoub, D.; Dainese, G. **Casa, corpo, terra, violência: estudos etnográficos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2022

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**. Histórias íntimas de meninas desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

MAYBLIN, Maya. 2010. “The Bearing of Burdens: Suffering, Containment, and Healing”; “Working to Sweat: Labor, Narrative, and Redemption”. In.: **Gender, Catholicism, and morality in Brazil**: virtuous husbands, powerful wives. NewYork: Palgrave Macmillan. 2010

ROBBINS, Joel. Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, Moralidade e Processo Social. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 17, no 39, 2015.

SANOK, Catherine. **Her life historical**: exemplarity and female saints' lives in late medieval England. University of Pennsylvania Press, 2007

SEGAL, Lotte Buch. The burden of being exemplary: national sentiments, awkward witnessing, and womanhood in occupied Palestine. **Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)** - Volume 21, Issue S1. 2015.